

# Comunicação e diferença na perspectiva transdisciplinar

Ana Carolina Beer Figueira Simas (Universidade Federal de Viçosa)

[anacarolinaf@ufv.br](mailto:anacarolinaf@ufv.br)

**Resumo:** O papel da comunicação social nos processos de mundialização cultural impõe grandes desafios éticos e grandes responsabilidades no que diz respeito à pluralidade, à convivência entre as diferenças, ao diálogo transcultural e à construção de culturas de paz. Estes desafios apontam para a necessidade de reflexões sobre os modos predominantes de atribuição de sentido às dinâmicas de identidade e diferença na cultura ocidental. Este trabalho procura contribuir para estas reflexões, através das aproximações entre o campo da comunicação, o olhar filosófico e a perspectiva transdisciplinar.

Palavras-chave: Comunicação, Transdisciplinaridade, Diferença, Alteridade, Ética.

## Introdução

“O essencial da transdisciplinaridade reside na postura de reconhecimento de que não há espaço nem tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar como mais corretos – ou mais certos ou mais verdadeiros – os diversos complexos de explicações e de convivência com a realidade”

Ubiratan d’Ambrosio

Em uma definição abrangente, comunicar é tornar comum. De modo geral, os processos de comunicação social promovem a circulação do sentido e garantem o compartilhamento de crenças, valores e visões de mundo; este compartilhamento sustenta a coesão social. Os processos de comunicação social, assim, desempenham papel fundamental na qualificação da cultura.

Na atualidade, são os meios de comunicação de massa os maiores responsáveis pelos fluxos de informação e pelos processos de comunicação que, de forma predominante, definem o espaço público e qualificam o senso comum. Estes meios de comunicação de massa têm sido alguns dos agentes mais eficazes no processo de mundialização cultural, colocando em contato e possibilitando cruzamentos entre diferentes sistemas de interpretação do mundo, diferentes modos de produção de sentido, de saber, de conhecimento e de representação, provenientes de diferentes matrizes culturais. Entretanto, estes encontros e cruzamentos frequentemente têm gerado formas de hegemonia e de intolerância que podem conduzir à homogeneização cultural. Conforme indicam as discussões acerca da necessidade de preservação da diversidade cultural<sup>1</sup> e da democratização da comunicação<sup>2</sup>, a pluralidade não tem sido um traço marcante no espaço público ocupado pelos meios de comunicação de massa. Antes, observa-se o desequilíbrio nas relações entre emissores e receptores, e na convivência entre diferentes elementos, valores, posturas e visões de mundo – convivência esta baseada em lógicas de exclusão, com predomínio de determinadas formas de produção de sentido sobre outras, que são marginalizadas.<sup>3</sup> Os meios de comunicação refletem, reforçam e alimentam a fragmentação. Esta situação impõe grandes desafios éticos e grandes responsabilidades a todos os atores sociais envolvidos nos processos de comunicação hegemônicos hoje.

O desafio da comunicação plural numa cultura mundializada passa pela discussão de estratégias e implementação de ações nos campos político e econômico para fazer frente à concentração e monopólio dos meios de comunicação. Mas também deve ser encarado a partir de estratégias educativas e de reflexões sobre as relações dinâmicas entre unidade e diversidade, entre identidades e diferenças. Tais desafios suscitam algumas questões: como garantir a convivência, a cooperação e o diálogo autêntico e fecundo entre as diferenças numa cultura mundializada? Como promover o reconhecimento mútuo e o respeito à alteridade? Como garantir a diversidade e a pluralidade? O processo de mundialização cultural é gerado pelos movimentos de expansão da cultura ocidental, principalmente através das atividades de comunicação. Cabe a esta cultura, portanto (e especialmente ao campo da comunicação), uma grande responsabilidade a respeito destas questões. Nossa aposta é a de que a comunicação, fecundada pela pesquisa e pela atitude

transdisciplinares, pode se constituir como um campo estratégico para reflexões e ações acerca da viabilidade de uma ética comum e de um consenso mínimo, plurais e transculturais. Estas reflexões e ações, por sua vez, são centrais para as discussões sobre a universalidade dos direitos humanos e sobre a construção de culturas de paz.

Este trabalho é o compartilhamento de algumas explorações neste sentido. Procuramos contribuir, através de aproximações entre o campo da comunicação, o olhar filosófico e a perspectiva transdisciplinar<sup>4</sup>, para a problematização dos modos predominantes de relação com o outro, ou dos modos de compreensão da diferença, construídos na cultura ocidental. Entendemos que esta problematização pode ser interessante porque “um exercício etimológico nos mostra que ética, assim como ethos e ethno, referem-se ao outro. É o reconhecimento do outro que traz a necessidade de uma ética” (AMBROSIO, 1997b). Desafios éticos exigem a reflexão sobre a diferença, sobre os diferentes modos de produção de sentido e de relação com o mundo, e sobre a viabilidade de um diálogo autêntico entre eles. Exigem, hoje, o questionamento dos modos de relação com a diferença herdados no Ocidente.

## Diferença

Os seres humanos criam soluções diferenciadas para lidar com duas necessidades básicas: a de sobrevivência e a de transcendência. O desdobramento e desenvolvimento variado destas soluções constituem a matéria básica das culturas. Alguns dos traços marcantes e distintivos que podem ser identificados em relação a uma cultura dizem respeito aos modos de atribuição de sentido e de compreensão das dinâmicas de unidade e diversidade, ou aos modos de estabelecimento de identidades e diferenças. Em outras palavras, as características de uma cultura podem ser abordadas através da atenção aos modos de relação com a diferença e ao estatuto da alteridade.

A cultura ocidental, herdeira das tradições grega e judaico-cristã, pode ter sido a primeira cultura a fazer a experiência da diferença como separação inconciliável. Tanto em Israel como na Grécia, desenvolveu-se um processo de identificação pela delimitação de uma alteridade radical, fundadora do mundo e da compreensão do mundo: o Ser é o outro absoluto na experiência grega; e o Deus monoteísta é o lugar absoluto do outro, para os hebreus<sup>5</sup>.

O aparecimento da matriz de pensamento (e de relação com a diferença) que vai configurar a cultura ocidental pode ser localizado no movimento de passagem da vigência do *mythos* ao *logos*, na Grécia, há aproximadamente 2500 anos atrás<sup>6</sup>. A passagem da experiência mítica como forma predominante de relação com o mundo para uma tentativa deliberada de descrever, a partir da experiência racional, o universo e os grupos humanos, pode ser compreendida como a passagem de um determinado modo de compreensão das dinâmicas de unidade e diversidade para outro.

De modo geral, pode-se dizer que o mito caracteriza-se pela experiência de harmonização e mobilidade fácil entre identidades e diferenças, através das relações complementares entre o que o Ocidente descreve como ordinário e extraordinário. Para as culturas míticas, a diferença mais radical – o sagrado e real por excelência –, domínio do *transcendente*, é, em certo sentido, também *imane*nte, porque é uma experiência fundadora e constitutiva da existência, e não está irreversivelmente separada do mundo atual, manifestando-se por irrupções mais ou menos regulares. Esta relação complexa aponta para uma experiência que se movimenta em diversos níveis e planos de real e de realidade, com ligações diferenciadas entre eles. O sentido e a articulação destes níveis em um todo coerente é garantido pelas hierofanias. O *outro mundo*, diferente do ordinário, domínio da *realidade por excelência*, não está totalmente ou radicalmente distante e inacessível; não há uma separação ontológica entre os vários planos da realidade. Para o mito, o sobrenatural está indissolivelmente ligado ao natural.<sup>7</sup>

Já na cultura em que o *logos* veio a predominar, foi necessário lidar com a multiplicidade de maneira que a identidade de cada singular precisasse ser marcada. Ao invés de harmonizar a diferença, o que se fez foi acentuá-la pela identidade, delimitando campos próprios que não se misturam, separando-os ontologicamente. Aquilo que se deu no que convencionalmente chamamos

de passagem do *mythos* ao *logos* – ou do mito à razão – foi uma alteração na relação entre o ordinário e o extraordinário: sua co-naturalidade e coexistência (ainda que de forma intermitente) tornaram-se insustentáveis. Nesta passagem, a razão, em formação, precisou se resguardar da ambigüidade que enxergava na experiência mítica, definindo seu lugar em oposição ao mito. O resultado é a progressiva rejeição do extraordinário e do mito – a partir de então identificado a tudo o que não é real ou racional (VERNANT, 1980, p. 186) –, a crença na supremacia da razão, e o desenvolvimento de lógicas de exclusão e separação para a compreensão das dinâmicas de identidades e diferenças.

Entretanto, tal passagem não se deu na forma de uma ruptura radical. Alguns elementos da filosofia grega, especialmente a dos pensadores pré-socráticos, eram ainda solidários, em grande parte, à lógica mítica de relação com a diferença. Para os pré-socráticos, o cosmos era explicado a partir de uma tensão complementar entre *logos* (a força que reúne, dá nome, identificada à unidade, cultura ou linguagem) e *physis* (a força que dispersa, identificada à multiplicidade e à natureza): *logos* e *physis* eram, então, o nome da “tensão fundamental, uma tensão geradora de pensamento: a que une, e ao mesmo tempo opõe, e no mesmo ato reúne o um e o múltiplo, a identidade e a diferença” (AMARAL, 1995). Também a noção arcaica de verdade como desvelamento (*alétheia*) aponta para uma complexa dinâmica de identidades e diferenças: *alétheia* é o próprio movimento do real mostrando-se e retraindo-se<sup>8</sup>.

Os sofistas e os filósofos, de modos diferentes, foram os primeiros a fazer a experiência de separação entre *logos* e *physis*. Os sofistas, na forma de uma total autonomia de *logos* em relação a *physis*. E os filósofos, na forma de uma hierarquia e de uma separação (a ser transposta pela operação da verdade), como modo de resolver a tensão entre unidade e multiplicidade. Esboça-se aí o que veio a ser, mais tarde, a oposição fundamental entre homem e mundo, entre cultura (linguagem) e natureza, entre sujeito e objeto. A teoria, a partir daí modo privilegiado de conhecimento no Ocidente, é fundada numa distância e numa separação entre o olhar e o discurso do homem-sujeito (domínio de *logos*) e o mundo-objeto observado (domínio de *physis*). A verdade passa a ser identificada à objetividade; é garantida pela separação entre *logos* e *physis* (a distância entre sujeito e objeto) e produzida no movimento de correspondência entre eles (a adequação entre uma proposição e o que é observado).

A filosofia aristotélica estabelece as bases a partir das quais vai se configurar o modo predominante de compreensão das dinâmicas de identidade e diferença na cultura ocidental. A fim de silenciar o fluxo heracliteano e sua unidade dos opostos, Aristóteles constrói uma barreira impenetrável entre uma coisa e seu outro na forma do princípio de contradição, que estabelece que A não é não-A (DONKEL, 2001, p. 2) – esta operação de separação fixa a identidade. A lógica aristotélica, retomada e reelaborada em vários momentos da história do Ocidente, dá corpo a uma tradição de pensamento que possibilita o desenvolvimento e a consolidação da ciência, nos séculos XVII e XVIII, e a expansão das disciplinas científicas e da tecnologia, entre os séculos XIX e XX, configurando as sociedades modernas. Segundo Ambrosio (AMBROSIO, 1997b), o modelo de sociedade dominado pela ciência e pela tecnologia, e a conseqüente ordem econômica, social e política, estão intimamente relacionadas a uma filosofia que os tornou possíveis: as diferenças entre os seres humanos foram interpretadas como diferentes estágios de evolução da espécie.

Entretanto, o mesmo movimento que possibilitou a expansão da tecnociência provocou, também, questionamentos, rupturas e mudanças nos sistemas de interpretação do mundo que a fundaram. Estas mudanças se fizeram sentir através de vários “sintomas” que ajudaram a dar forma à contemporaneidade (ou à “pós-modernidade”): a quebra dos fundamentos e a “morte” de Deus, a crise da verdade clássica (e sua substituição pela eficácia), a crise da representação, os diversos e anunciados “fins” (fim da história, fim da filosofia), o surgimento das ciências humanas, e os próprios desenvolvimentos das ciências “duras” (física quântica, pensamento complexo). Tais sintomas merecem reflexões e exames cuidadosos, que ultrapassem os fins deste trabalho. Podemos afirmar, contudo, que indicam transformações significativas nas lógicas de compreensão das dinâmicas de identidade e diferença. Estas transformações representam uma abertura para reflexões sobre comunicação e diferença.

## Comunicação

“Um verdadeiro *dialogo* só pode ser transdisciplinar, baseado em pontes que ligam, em sua natureza mais profunda, os seres e as coisas”  
Basarab Nicolescu

Identificamos, pelo menos, dois níveis de interdependência entre os processos de comunicação e os processos de produção de saber em que as reflexões sobre identidades e diferenças podem ser interessantes. Em um nível mais prático, em que os processos de comunicação são responsáveis pela disseminação e atualização dos sistemas de crença, concretizados nas práticas sociais, cabe pensar as relações entre as lógicas de compreensão de identidades e diferenças predominantes no Ocidente, os modos de comunicação hegemônicos hoje e os desafios impostos pela necessidade de pluralidade e democratização da comunicação. Em que medida os obstáculos à convivência plural e fecunda entre as diferenças podem ser atribuídos às heranças da lógica de separação e exclusão? A comunicação plural pode ser entendida como um processo circular que difere da simples circulação de informações, e promove o compartilhamento através de diálogos autênticos, com dois movimentos interdependentes: a fala e a escuta. A escuta pressupõe a disponibilidade para o questionamento da própria posição e a abertura para o aprendizado com o Outro. De modo geral, nas relações com o Outro, no Ocidente, predomina a produção de discursos; a escuta aberta da diferença é limitada e, conseqüentemente, também o são o diálogo e a comunicação. Raramente o Outro é convidado a falar como sujeito, a partir de seu lugar próprio; a ênfase está na representação da diferença como objeto. Para McGrane, por exemplo, a antropologia e a psiquiatria – campos de relação com a diferença no Ocidente – são monólogos *sobre* o Outro, baseados em poder, e não verdadeiros diálogos *com* o Outro: “no melhor dos casos, a antropologia fala *do* Outro, mas não, salvo poucas exceções, *para* o Outro” (McGRANE, 1989, p. 127). A fala é derivada das representações construídas a partir de uma observação “de fora”, “neutra”, “segura” e “racional”. McGrane prossegue citando Todorov: “only by speaking to the Other – not giving orders but engaging in dialogue – that I can acknowledge him as subject, comparable to what I am myself” (TODOROV apud McGRANE, op. cit.).

A dificuldade no estabelecimento da comunicação plural é concretizada na própria configuração dos processos de comunicação predominantes hoje, resultado da ordem econômica, social e política hegemônica. A chamada comunicação de massa é caracterizada muito mais por fluxos de transmissão de informação em mão única, em que não há possibilidade de interação ou diálogo, do que por trocas ou compartilhamentos circulares. São poucos os que detêm o controle dos meios de expressão; a maioria dos grupos sociais e das culturas não tem direito à voz, mas tem o “dever” de consumo dos produtos midiáticos. Na construção dos discursos e das narrativas que predominantemente qualificam a cultura através dos meios de comunicação de massa, há pouco espaço para o Outro, ainda que ele seja intensamente afetado por estes discursos.

Em outro nível, epistemológico, reconhecemos a potencialidade da comunicação como campo fértil para a superação dos impasses provocados aos modos ocidentais de produção de saber, através da revisão da lógica aristotélica. Esta potencialidade pode ser pensada a partir de algumas particularidades do campo, que provocam uma abertura: em primeiro lugar, seu desenvolvimento é relativamente recente (século XX), marcado por contribuições de diferentes disciplinas e pela influência de abordagens não científicas (como a perspectiva filosófica e as intercessões com as artes)<sup>9</sup>; em segundo lugar, há a dificuldade na aplicação do modelo de produção de conhecimento fundado na separação entre *sujeito conhecedor* e *objeto a ser conhecido* à comunicação, uma vez que, além de se incluir nas ciências humanas e sociais, ela é um aspecto inseparável do próprio processo de produção de conhecimento. A comunicação diz respeito não apenas à difusão e ao compartilhamento do conhecimento produzido, mas também ao aspecto negligenciado de relação entre o sujeito e o objeto. Estas particularidades provocam uma ultrapassagem da abordagem disciplinar, e aproximam a comunicação da perspectiva transdisciplinar. Em certo sentido, ela pode ser compreendida como o espaço relacional, o espaço entre as extremidades fixadas pela cultura Ocidental na forma de identidades e diferenças, como um terceiro termo que precisa ser

reconhecido e acolhido. A comunicação pode ser, assim, um campo estratégico para o exercício da transdisciplinaridade.

### **Conclusões: transdisciplinaridade e comunicação**

Michel Random aponta como primeiro princípio transdisciplinar “a troca, a abertura, a comunicação, a generosidade da inteligência e do coração”, para um conhecimento compartilhado (RANDOM, 2000, p, 10). A transdisciplinaridade nasce da necessidade de superação da fragmentação do conhecimento, de criação de pontes entre diferentes domínios de saber. Diferentemente da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade propõe não apenas o diálogo entre as disciplinas científicas, mas uma atitude de abertura, de tolerância e de escuta, para tornar viável um diálogo autêntico entre a ciência e outras formas de produção de sentido – as humanidades, as artes ou, ainda, a experiência interior.<sup>10</sup>

A fragmentação do conhecimento pode ser vista como resultado do desenvolvimento das características da lógica de separação e exclusão na fixação de identidades e diferenças, e da compreensão da razão como o melhor meio (ou o único realmente válido) de inteligibilidade do mundo – o que provoca o fechamento das ciências em si mesmas. A ordem social resultante da crença na supremacia da razão dificulta qualquer diálogo entre as diferenças.

A transdisciplinaridade, que “diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de qualquer disciplina” (NICOLESCU, 1999, p.), conduz à revisão dos modos de produção e organização do conhecimento, e à revisão da lógica que funda a compreensão das diferenças na cultura ocidental. Esta revisão é potencializada pelos três pilares que determinam a metodologia transdisciplinar, apontados por Basarab Nicolescu (NICOLESCU, 1997): o reconhecimento de diversos níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade. Entendemos que os três pilares são interdependentes, na medida em que a lógica do terceiro incluído só é possível se considerarmos e reconhecermos diversos níveis de realidade; e tanto este reconhecimento quanto a inclusão do terceiro termo conduzem e são ao mesmo tempo sustentados pelo pensamento complexo. Os três pilares da metodologia transdisciplinar têm muito a contribuir, portanto, para as reflexões sobre comunicação e pluralidade, exatamente porque enriquecem, a partir de um novo referencial, a análise e o questionamento dos modos de relação com a diferença<sup>11</sup>.

A revisão das lógicas de separação é tarefa urgente. Seus desdobramentos são bastante conhecidos, nas diversas crises culturais, políticas, sociais e ambientais. Neste sentido, cabe pensar o papel da comunicação na construção de uma cultura em que a pluralidade seja viável, em que o diálogo transdisciplinar se efetive, para além dos “muros” das exclusões. O desenvolvimento de uma metodologia transdisciplinar nas pesquisas em comunicação e a formação transdisciplinar dos comunicadores, habilitando-os para o diálogo, podem ser passos importantes nesta direção.

---

#### **NOTAS:**

<sup>1</sup> Um documento de referência a este respeito é a Declaração Universal da UNESCO sobre a diversidade cultural. A declaração considera que “o processo de globalização, facilitado pela rápida evolução das novas tecnologias da informação e da comunicação, apesar de constituir um desafio para a diversidade cultural, cria condições de um diálogo renovado entre as culturas e as civilizações” (UNESCO, 2001).

<sup>2</sup> Ver, por exemplo: UNESCO, 1983; MORAES, 2003; e, ainda, [www.crisinfo.org](http://www.crisinfo.org) e [www.fndc.org.br](http://www.fndc.org.br). Acreditamos que a perspectiva transdisciplinar tem muito a contribuir para estas questões – usualmente tratadas do ponto de vista das políticas públicas de comunicação –, especialmente ao suscitar reflexões sobre os modos de relação com as diferenças, sobre pluralidade e sobre diversidade cultural nos meios de comunicação de massa.

<sup>3</sup> Vários estudos procuraram explicitar, a partir de diferentes referenciais teóricos, características do processo de produção e gestão dos fluxos de informação midiáticos que estariam implicados neste desequilíbrio. Alguns exemplos podem ser encontrados em WOLF, 1999 – especialmente na segunda parte do trabalho.

<sup>4</sup> Campo da comunicação porque é a partir dele que estas questões se apresentam; olhar filosófico porque nos ajuda a compreender os sistemas de pensamento que estão na base e tornam possíveis os modos de interpretação das relações entre identidades e diferenças que povoam o espaço público qualificado pelas práticas de comunicação hoje; e perspectiva transdisciplinar porque propõe a revisão de antigas lógicas e sistemas de pensamento inadequados aos grandes desafios da atualidade.

<sup>5</sup> Notas pessoais do curso ministrado em 2001 pelo professor Marcio Tavares d'Amaral no Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> Muitos trabalhos interessantes discutem as condições que estão implicadas nesta passagem, e não vamos aqui nos deter nela. Ver, por exemplo, BUXTON, 1999; ELIADE, 1994; e VERNANT, 1980.

<sup>7</sup> Em linhas gerais, o mito é a reatualização de um tempo primordial, "(...) um estado paradoxal no qual os contrários coexistem sem confrontar-se e onde as multiplicidades compõem os aspectos de uma misteriosa Unidade. Afinal de contas, foi o desejo de recuperar esta Unidade perdida que obrigou o homem a conceber os opostos como aspectos complementares de uma realidade única. É a partir de tais experiências existenciais, desencadeadas pela necessidade de transcender os contrários, que se articularam as primeiras especulações teológicas e filosóficas. Antes de se tornarem conceitos filosóficos por excelência, o Um, a Unidade, a Totalidade constituíam nostalgias que se revelavam nos mitos e nas crenças e se enalteciam nos ritos e nas técnicas místicas." (ELIADE, 1991).

<sup>8</sup> A respeito das relações entre verdade e seu "contrário", Detienne escreve: "Não há, pois, por um lado Alétheia (+) e por outro lado Léthe (-), mas entre estes dois pólos se desenvolve uma zona intermediária, na qual Alétheia se desloca progressivamente em direção a Léthe, e assim reciprocamente. A 'negatividade' não está, então, isolada, separada do Ser; ela é um desdobramento da 'verdade', sua sombra inseparável." (DETIENNE, 1988).

<sup>9</sup> A respeito do desenvolvimento e características do campo de estudos em comunicação, ver, por exemplo, WOLF, op.cit; MATTELART e MATTELART, 1999; e LOPES (org.), 2003.

<sup>10</sup> Conforme Artigo 5 da Carta da Transdisciplinaridade, adotada pelos participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, em Arrábida, Portugal, 1994 (NICOLESCU, 1999, p. 161).

<sup>11</sup> Para Edgar Morin, por exemplo, (MORIN, 1998), "o pensamento complexo é regido por um princípio de distinção, mas não de separação entre o sujeito e o objeto".

## Referências Bibliográficas

- AMARAL, Marcio Tavares d'. O homem sem fundamentos: sobre linguagem, sujeito e tempo. Rio de Janeiro: UFRJ – Tempo Brasileiro, 1995.
- AMBROSIO, Ubiratan d'. Transdisciplinaridade. São Paulo: Palas Athena, 1997a.
- \_\_\_\_\_. Universities and transdisciplinarity, 1997b. Disponível em: <<http://nicol.club.fr/ciret/locarno/loca5c10.htm>>. Acesso em: 28 de junho de 2005.
- ARISTOTLE. Metaphysics. London: Heinemann, 1933-5.
- BUXTON, Richard (ed.). From myth to reason: studies in the development of Greek thought. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- DETIENNE, Marcel. Os mestres da verdade na Grécia arcaica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.
- DONKEL, Douglas (ed.). The theory of difference: readings in contemporary continental thought. New York: State University of New York Press, 2001.
- ELIADE, Mircea. Mefistófeles e andrógino. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- \_\_\_\_\_. Mito e realidade. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo (org.). Epistemologia da Comunicação. São Paulo: Loyola, 2003.
- MATTELART, Armand e MATTELART, Michele. História das teorias da comunicação. São Paulo: Loyola, 1999.
- McGRANE, Bernard. Beyond anthropology: society and the other. New York: Columbia University Press, 1989.
- MORAES, Denis (org.). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MORIN, Edgar. Ciência com consciência. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1998.
- NICOLESCU, Basarab. A evolução transdisciplinar da universidade, condição para o desenvolvimento sustentável, 1997. Disponível em: <<http://www.cetrans.com.br>>. Capturado em: 3 de abril de 2005.
- \_\_\_\_\_. O manifesto da transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 1999.
- RANDOM, Michel. O pensamento transdisciplinar e o real. São Paulo: Triom, 2000.
- UNESCO. Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação na nossa época. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1983.
- \_\_\_\_\_. Declaração universal da diversidade cultural, 2001. Disponível em <[http://www.unesco.org.br/areas/cultura/divcult/dcult/mostra\\_documento](http://www.unesco.org.br/areas/cultura/divcult/dcult/mostra_documento)>. Acesso em: 30 de junho de 2005.
- VERNANT, Jean-Pierre. Myth and society in ancient Greek. Brighton: The Harvester Press, 1980.
- \_\_\_\_\_. As origens do pensamento grego. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1996.
- WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. 5ª ed. Lisboa: Presença, 1999.